



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

RAYSSA EUTÁLIA GURJÃO COUTINHO BORGES

**REPRESENTAÇÕES, SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES NA CIDADE DE
GURJÃO (1960-1975)**

**CAMPINA GRANDE
2018**

RAYSSA EUTÁLIA GURJÃO COUTINHO BORGES

**REPRESENTAÇÕES, SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES NA CIDADE DE
GURJÃO (1960-1975)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduado (a) em História.

Orientador: Prof. Me. Iordan Queiroz Gomes

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B732r Borges, Rayssa Eutália Gurjão Coutinho.
Representações, sensibilidades e sociabilidades na cidade de Gurjão (1960-1975) [manuscrito] / Rayssa Eutalia Gurjao Coutinho Borges. - 2018.
34 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Jordan Queiroz Gomes, Coordenação do Curso de História - CH."
1. Gurjão - Paraíba. 2. Emancipação política. 3. Modernidade tecnológica. 4. Sociabilidade. I. Título
21. ed. CDD 981.33

RAYSSA EUTÁLIA GURJÃO COUTINHO BORGES

REPRESENTAÇÕES, SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES NA CIDADE DE
GURJÃO (1960-1975)

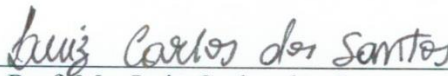
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduado (a) em
História.

Aprovada em: 28/11/2018.

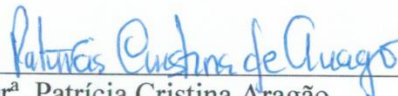
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Jordan Queiroz Gomes
Orientador



Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos
Examinador



Prof. Dr.ª Patrícia Cristina Aragão
Examinadora

A todas as pessoas que me fizeram acreditar que sonhar é possível e que realizar um sonho tem um sabor ainda mais especial. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao final de uma longa jornada, sempre existe muito a contar, muitos são os aprendizados e ao longo do percurso as interações que contribuem para a nossa formação como profissionais, mas também como seres humanos. Diante disso, gostaria de agradecer a todos que fizeram parte da minha caminhada e que possibilitaram a construção deste trabalho, em suas mais diversas contribuições.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela oportunidade de viver e por sua proteção. A minha mãe por ter me mostrado a beleza do conhecimento desde muito cedo e pela força e incentivo diário. Ao meu irmão que é meu companheiro de todos os dias e que me ajuda sempre que preciso. Ao meu pai (*in memoriam*), que mesmo não estando fisicamente entre nós, está em meu coração e é minha força, pois em meio as dificuldades quando fecho os olhos, ouço suas palavras de amor e incentivo.

A Fernanda por sua amizade, auxílio e por acreditar em mim mais que eu mesma. A Thaynar pela amizade, por me ouvir e por me “adotar” na sua turma de inglês, aos quais em nome dela eu também agradeço. A Amanda pela amizade, conversas e discussões sobre história. A Myrian por me escutar quando preciso desabafar. A Claudiana por contribuir com meu crescimento e me estimular a ir sempre mais longe. A Divoneide, Leninha, Josy, Márcia e Natália por torcerem por mim. A Jhosy, Amanda e Mel, por formarem comigo um “quarteto fantástico” e compartilhar manhãs, trabalhos, amizade e por permanecerem na minha vida. A Eudezia por todo apoio.

A todas as pessoas que conheci, por intermédio da participação no Pibid e que compartilharam comigo tantos momentos, ao longo de boa parte da duração deste curso. A minha turma que iniciou comigo essa jornada, em especial, Lucas, Ana Karoline, Sívylla, Francine, Luan, Nahyara e Kaline. A todas as outras turmas, por onde peregrinei e que tão bem me acolheram.

Ao meu professor, orientador, Jordan Queiroz Gomes, por sua paciência e dedicação em guiar-me na construção deste trabalho, por ter contribuído tanto na minha formação e acreditado que eu era capaz. Muito obrigado!

Aos professores que tive oportunidade de conhecer e contribuíram tanto na minha formação, em especial, Bruno Gaudêncio, Patrícia Aragão, Socorro Cipriano, Aparecida e Alberto que me fizeram perceber a beleza da história.

As pessoas de Gurjão, que se dispuseram a me ajudar nesse processo, em especial dona Helena e Dona Alcina, que me contaram histórias e me fizeram imaginar a cidade nos tempos da delimitação de minha pesquisa.

A minha família, primos e primas, tios e tias que ficaram na torcida para a conclusão deste trabalho, em especial a tia Selma por ter me acolhido em sua casa. A “tia” Sandra e Suzana, que em minha passagem pela Escolinha San e Su, me permitiram sonhar e me ensinaram lições para a vida contribuindo significativamente para que eu chegasse até aqui.

E por fim, foi um imenso prazer poder fazer parte do corpo discente desta universidade, assim como escrever este trabalho, que meche comigo por ser sobre o meu lugar de pertencimento. Sendo assim, agradeço a você leitor por seguir neste texto comigo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa do Município de Gurjão, após a emancipação.....	17
Figura 2- Benção do Cemitério.....	21
Figura 3- Inauguração da Energia Elétrica.....	23
Figura 4- Sociedade Musical São Sebastião.....	24
Figura 5- Procissão de Nossa Senhora do Rosário.....	27
Figura 6- Procissão de São Sebastião 1965.....	29
Figura 7- Procissão de São Sebastião 1975.....	30

SUMÁRIO

RESUMO	8
1. INTRODUÇÃO	8
2. ANTECEDENTES DA EMANCIPAÇÃO	13
2.1. Nasce uma cidade.....	14
3. OS DESEJOS E A CONCRETUDE: OS PRIMEIROS PASSOS DA CONSTRUÇÃO DA CIDADE	14
3.1. A Construção do cemitério.....	20
3.2. Novas formas de “ver”: A implantação da energia elétrica.....	22
4. A “REMODELAÇÃO” DAS FESTAS RELIGIOSAS	25
4.1. Festa de Nossa Senhora do Rosário.....	25
4.2. Festa de São Sebastião.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
ABSTRACT	32
FONTES	32
REFERÊNCIAS	32

REPRESENTAÇÕES, SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES NA CIDADE DE GURJÃO (1960-1975)

RESUMO

As décadas de 1960 e 1970, constituíram-se enquanto um período de transformações na cidade de Gurjão, principalmente a partir da emancipação política que ocorreu em 1962. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo compreender como a partir da inserção de equipamentos modernos, a cidade se constrói, as sensibilidades são suscitadas nos habitantes daquele período e as sociabilidades se modificam, essencialmente na remodelação das festas religiosas, as quais representavam os pontos centrais das relações sociais desse período. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário o aprofundamento em leituras, sobretudo as que tratam sobre o universo urbano e a modernidade e a utilização de fontes, entre as quais atas da câmara e fotografias, indiciárias da recepção das transformações e símbolos em Gurjão.

Palavras-Chave: Gurjão. Equipamentos modernos. Sociabilidades.

1. INTRODUÇÃO

“Se queres ser universal começa por pintar tua aldeia”

(Leon Tolstói, Guerra e Paz)

As inquietações que possibilitaram o início desta jornada, em busca de conhecer a cidade de Gurjão em seu passado, surgiram a partir de um olhar mais aguçado para o entorno, para a cidade a ser pesquisada e o seu “esquecimento historiográfico”. Assim, começaram os questionamentos a respeito de como trabalhar este lugar. Daí surgindo a delimitação da temática, qual seja, entender como ocorreram os desejos de se construir a cidade a partir da emancipação política, visto que este é um marco em todas as cidades, uma “ruptura” com o passado para iniciar uma “nova história”, na qual necessita-se de elementos modernos. Esse marco, permitiu problematizar: quais foram esses elementos modernos? Quais foram os seus impactos na “nova cidade”? ou melhor quais os desejos e transformações materiais e simbólicas que ocorreram nessa cidade, mais precisamente após a sua emancipação em 1962.

Trata-se de um trabalho possível e de relevância devido à ausência de escritos sobre a cidade no tempo e nas tendências historiográficas pretendidas, o qual é um motivo pertinente para conhecer aspectos da sua história. Assim como, para a utilização das fontes que podem se perder, devido não só aos efeitos do tempo na vida que leva a morte, mas também a mau

conservação de arquivos, em um lugar onde eles apenas são vistos como “passado” e “sem importância”.

Baseando-se, para isso na história local, a qual “como foco de atenção para o historiador tem se mostrado um âmbito muito rico para a prática e as escolhas historiográficas”, devido aos “diversos espaços internos” em um país tão abrangente quanto o Brasil e com uma “multiplicação de alternativas culturais”¹.

Uma história, entre outros adjetivos, será uma “História Local” no momento em que o “local” torna-se central para a análise, não no sentido de que toda história deve fazer uma análise do local e do tempo que contextualiza seus objetos, mas no sentido de que o “local” se refere aqui a uma cultura ou uma política local, a uma singularidade regional, a uma prática que só se encontra aqui ou que aqui adquire conotações especiais a serem examinadas em primeiro plano. Pode-se dar ainda que, na História Local, o “local” se mostre como o próprio objeto de análise, ou então que se tenha em vista algum fator à luz deste “local”, desta “singularidade local”.²

Sendo, uma história que não exclui a possibilidade de referência a uma totalidade e que tem o espaço de delimitação como construção do historiador, o qual dependendo de seu problema de pesquisa, pode utilizar uma área que não necessariamente seja a que está posta ou foi demarcada administrativamente, possibilitando uma conexão de campos históricos, pois uma história local pode também ser uma História Cultural, Econômica ou Política.

Permitindo assim, com seu tipo diferenciado de conhecimento, uma imediata ideia do passado, visto que o historiador pode ouvir os ecos ao seu redor, seja no mercado, nas paredes ou nos campos, proporcionando não só algo para a historiografia, mas para o conhecimento de toda uma localidade, ou seja, o que fez chegarem até onde estão, até o hoje, o que constitui sua história ou como ela os constituiu.

Visto que, “uma cidade é objeto de muitos discursos, a revelar tais modalidades sensíveis de leitura do urbano ou saberes específicos”, apresenta uma discussão em que a cidade é um “objeto privilegiado para o estudo do historiador, a falar e pensar nos valores da cidade”, trazendo não só as “cidades visíveis” para serem estudadas, mas o imaginário e as sensibilidades, as representações que perpassam o concreto e vão além do que se pode ver, como relata Pesavento (2007).

Já no domínio historiográfico, observamos o que discorre Brescianni (1991), quando escreve sobre as transformações de Londres e Paris, no século XIX, mostrando uma das

¹ (Cf. BARROS, 2013, p. 168).

² Ibidem, p. 172.

possibilidades de estudo da cidade como objeto, porém em uma perspectiva de ritmo frenético, diferente, mas contributiva da qual será utilizada, ou seja, a perspectiva de Aranha (2005), o qual, utiliza o parâmetro da análise da inserção de equipamentos modernos como a luz elétrica, o cinema e etc., os quais mudaram o cotidiano e a sociabilidade, proporcionando a “modernidade”, das pequenas cidades, que não deixaram de almejar o “progresso”.

Na Paraíba, diversas cidades já foram tomadas como objeto por diversos ângulos, principalmente a partir dos anos 1980, contribuindo para a historiografia das cidades. Podemos citar, a título de exemplo, a dissertação intitulada *Signos em confronto: o arcaico e o moderno em Princesa (PB) dos anos vinte*, defendido na UFPE pela pesquisadora Serioja Mariano, no final dos anos 1990, na qual a autora aborda a modernidade em uma cidade do sertão da Paraíba, a partir da inserção de equipamentos modernos. Também, pode-se citar a cidade de Campina Grande a partir dos trabalhos de Fábio Gutemberg *Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande (1920-1945)*, e a tese de Severino Cabral Filho, *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*, os quais utilizam imagens para estudar a modernidade e a vida nos seus mais diversos aspectos. Ainda, é possível citar a cidade de Aroeiras em um período de diversas mudanças, em suas transformações materiais e nos usos dos habitantes da mesma, a partir da dissertação apresentada por Iordan Queiroz Gomes, intitulada *Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960)*.

Dessa maneira, buscando contribuir para a historiografia paraibana e tendo a cidade como um espaço de ação do homem e dele em vários períodos, pode-se pensar as “estratégias” ligadas a organização do lugar, ao pensar e construir a cidade, enquanto institucionalizada e as “táticas” que estão ligadas as práticas dos usuários ou o consumo deles da cidade, pensadas por Certeau (1998), para visualizar como dela se utilizaram os sujeitos históricos que habitaram a cidade em tempos anteriores, aparecendo a partir das perspectivas, aspirações e desejos.

Assim, como também utilizando o conceito de “apropriações” de Chartier (1988), a qual é apresentada como uma prática de produção de sentidos, utilizada para analisar as conquistas materiais, possibilitadas pelo processo de modernidade, as quais modificaram ou não a vida ou melhor as relações de “sociabilidades” na cidade, o cotidiano. Levando em consideração as sensibilidades e entendendo que “recuperar as sensibilidades não é sentir da mesma forma, é

tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro no tempo pelos rastros que deixou”³, pelo que a atualidade apresenta do passado.

Visualizando o que pode ser considerado e analisado, a partir das sensibilidades, um modo de vida bucólico⁴, em um ritmo lento, rotineiro e que as pessoas reconhecem umas às outras e o como essa cena modifica-se com a inserção dos elementos modernos, tornando possível a análise de processos modernos em cidades e até mesmo vilas que experimentaram a inserção de elementos de modernidade e alteraram mesmo que em pequenas “doses” as sensibilidades, configurando as experiências modernas, visto que

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, aparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só compõem o cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado, ou seja, a própria energia da vida, a enargheia, de que nos fala Carlos Ginzburg.⁵

Dessa forma, “capturar” as sensibilidades é o que se busca, entender como se deram os momentos em um tempo específico, ou seja, as relações entre os moradores, as emoções, a subjetividade de um outro período, isso permeado pela sociabilidade que modificou-se com a chegada de novos elementos, em um lugar e em um espaço específico, a saber a Gurjão das décadas 60 e 70, visto que é nesse período que ocorrem as modificações, que transformam um distrito em uma cidade, modificando o modo de sentir, de socializar e de viver.

Entrando na discussão, as “representações” que é um conceito de Chartier (1988), sobre a possibilidade de percepção de como se dá a construção de uma realidade social, em outros momentos ou lugares, por meio de delimitações, divisões e classificações, com sentidos que se modificam, pois são determinados pelas relações de poder, por conflitos de interesses, mesmo diante da possibilidade de serem compartilhados e naturalizados.

As “representações”, permitem práticas de reconhecimento de uma maneira própria de estar no mundo, nas instâncias coletivas ou individuais, perpetuando a existência do grupo, no

³ (Cf. PESAVENTO, 2004, p. 6).

⁴ Aqui entendido como um modo de vida lento, que liga-se de forma expressa ao universo rural, visto que são intrínsecos os aspectos de ruralidade no início de formação das cidades, principalmente das pequenas. É uma expressão presente na literatura desde a Antiguidade Clássica e analisada em suas mais diversas formas e modificações, principalmente na literatura inglesa, por Raymond Williams, quando este estuda o conceito e a forma como o campo e a cidade são retratados, perpassando o campo literário e adentrando em questões históricas e políticas dos momentos estudados. Cf. WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

⁵ (Cf. PESAVENTO, 2004, p. 2).

caso dos acontecimentos que “fundaram” uma cidade, em seus mais diversos aspectos. Dessa forma, “se a noção de representação é vista por Chartier como a “pedra angular” da Nova História Cultural, o conceito de apropriação é o seu “centro”⁶.

Logo, em uma perspectiva mais ampla, a dimensão deste estudo entra em contato com o que investiga a “Nova História Cultural”, a qual partindo de desdobramentos da História das Mentalidades ampliou as abordagens, os sujeitos históricos, os temas e as problemáticas do campo histórico, “sem abrir mão da própria história como disciplina ou ciência específica”, possibilitando a aproximação da história com outras áreas do conhecimento, como a antropologia e a literatura⁷.

Há nesse caso, contanto um diálogo com a antropologia de Geertz (2008), utilizando a cultura como elemento-chave para compreender as transformações nas suas mais diversas esferas, o qual, coloca a cultura como fonte científica de interpretação do cotidiano, traduzindo aquilo que os historiadores culturais pretendem fazer, ou seja, construir o conhecimento através das relações entre os homens e compreender, interpretar, os atos de significados sociais que os envolvem.

Em âmbito geral, utilizando-se da metodologia apontada por Ginzburg (1989), quando trata da interpretação dos sinais, ou seja, do paradigma indiciário e o seu conjunto de conceitos e métodos investigativos e de análise, centrados em pistas, talvez, extremamente pequenas que permitem captar uma realidade mais profunda de uma forma inatingível, as quais são indícios, vestígios, sintomas, fontes, signos e etc., baseando-se na minúcia de detalhes, a partir dos quais, pode-se construir todo um contexto, toda uma história ou fato completo.

Assim, amparando-se com essa metodologia, serão utilizadas como fontes as atas do poder legislativo, com as obras e projetos de leis locais dos anos de 1962 a 1966. A edição de 1972 da Revista Avante, que apresenta uma reportagem sobre as gestões de diversos prefeitos e de um específico de nosso interesse. O diário de um morador da cidade escrito no ano de 1959. Um panfleto político do ano de 1958 e algumas fotografias do período para problematização.

Enfim, com o aporte teórico apontado e a metodologia prevista para a análise das fontes necessárias, objetiva-se pensar a cidade que com algumas modificações poderia sintonizar-se

⁶ (Cf. CARDOSO, C. & VAINFAS, R, 1997, p. 229)

⁷ Ibidem, p. 220.

com o mundo moderno, gerando expectativas futuras de um crescimento urbano e de um alinhamento mesmo em pequenas proporções com cidades “espelho” como Campina Grande.

2. ANTECEDENTES DA EMANCIPAÇÃO

Nos idos de 1950, figurando como o maior município do Estado da Paraíba e localizando-se na “Zona Fisiográfica do Cariri Velho”, com uma superfície que representava 6,58% do território paraibano”, encontrava-se São João do Cariri, que possuía uma população naquele contexto de “31.778 habitantes”, dos quais 88,7% eram moradores da zona rural. A cidade contava nesse período com 11 distritos, entre os quais figuravam Gurjão que tinha uma população de 2.965 habitantes, sendo 204 moradores urbanos e 2.761 rurais e que havia sido criado pela Lei estadual nº 540, de 18 de novembro de 1921, com o nome de Timbaúba, pertencendo ao município de São João do Cariri, desde sua criação. Assim como também Santo André, que havia sido criado pela lei nº 533, de janeiro de 1921 e possuía uma população de 2.814 habitantes, sendo 135 urbanos e 2.679 rurais.⁸

Nesse contexto, anterior a Emancipação política, isso é em 1950, Gurjão, um dos 11 distritos pertencentes a São João do Cariri, possuía uma população majoritariamente rural, mas com um pequeno aglomerado urbano que começou a crescer e sonhar com o ponto chave, a emancipação, que não é um evento que surge do nada, tendo movimentos anteriores que quase sempre convergem das aspirações de políticos e da população em geral para sua concretização.

Em Gurjão, esses movimentos já eram perceptíveis em 1959, onde Raulino Maracajá⁹ referindo-se a isso, afirmou que “Agora, acha-se Gurjão, à frente de um grupo de homens moços, inteligentes e nobres que poderão compreender a sua necessidade, para dar-lhe, de dia a dia o seu desenvolvimento de prosperidade, do que é muito merecedor”, concluindo que “portanto, os que se acham na sua frente, não deverão cruzar os braços para vir logo a sua emancipação, tão almejada pelos seus filhos, e tão prometida pelos políticos, dominantes”.¹⁰

⁸ Os dados foram obtidos na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1960, p.372-373).

⁹ Nasceu na Fazenda Arara, Município de São João do Cariri, no dia 15 de setembro de 1879, numa segunda-feira, às seis horas da tarde e desencarnou no dia 21 de novembro de 1961 na Fazenda São Domingos, de sua propriedade, no então distrito de Gurjão. Estudou em São João do Cariri, Batalhão (atual Taperoá), e Recife, lá desistindo dos estudos e retornando ao cariri, casando-se, morando inicialmente em Taperoá, mas depois retornando a Gurjão, onde herdara a fazenda Nova Vista de seu sogro, lá desenvolvendo atividades agropecuárias, comerciais e industriais. Participava ativamente da vida na comunidade, exercendo até a função de Juiz de Paz. “Deixou centenas de trabalhos literários, escritos à mão, “com caneta tinteiro e mata borrão”, em cadernos grossos (tipo Livro Razão), que geralmente dedicava às pessoas de quem gostava e admirava”.

¹⁰ (Cf. MARACAJÁ, 1959, p. 46)

Depreendendo-se, que já existia uma vontade de realização da Emancipação, um “merecimento” que ficaria a cargo dos homens moços e deveria sair apenas do campo das promessas, episódio que ocorre apenas três anos após esses escritos, “transportando-nos”, para o começo da concretização do tão almejado sonho.

2.1. Nasce uma cidade

Sonho que enfim foi realizado, pela determinação da lei estadual de nº 2747, de 02 de janeiro de 1962, que em sua nova forma constituía-se Gurjão como uma cidade sede com um distrito denominado de Santo André, desligando-se da cidade de São João Cariri e não só dela, mas deixando apenas em sua história suas antigas denominações, Timbaúba do Gurjão nos idos de 1938 e Timbaúba em 1943, ano que pela lei estadual nº 520, surge a denominação de Gurjão ainda como distrito, mas que acompanha a elevação a município.

Essa modificação que foi experimentada pelos moradores daquele período e sentida de forma concreta, sendo perceptível no discurso de moradores que foram percebendo e significando o acontecimento, como registrado na fala de Dona Helena, a qual nos relata que

Mudou muito, que nós era do jeito que nós era aqui com os padres de São João do Cariri (referência de cunho religioso, onde até pouco tempo Gurjão estava ligada como comunidade da Paróquia de São João do Cariri, sendo desligada por motivo da criação da área pastoral no município e consequente “autonomia religiosa”), era antes da emancipação, mudou muito por que era como se a gente estivesse de “rédea”, só era o que eles quisesse, o que São João do Cariri quisesse, a gente não tinha direito a nada não... (pausa) foi como uma liberdade, como desse uma liberdade a nós¹¹.

Expressando em seu discurso, o sentimento de “liberdade”, com a nova situação política que se instalou na cidade, o qual, seria o primeiro passo para a edificação do novo lugar que iria transformar os seus traços ainda tão rurais para a inserção das “modernidades” que faziam parte de outros espaços e iriam chegar até suas vidas.

3. OS DESEJOS E A CONCRETUDE: OS PRIMEIROS PASSOS DA CONSTRUÇÃO DA CIDADE

Após a emancipação em 1962, ocorreu a formação do primeiro governo, a partir de uma eleição, a qual como Prefeito assume o cargo pelo PDC, Sebastião Borges Coutinho e em

¹¹ Entrevista concedida a autora por Dona Helena Eulampia da Conceição em 08 de agosto de 2018.

eleição paralela o seu vice Fenelon Medeiros. E para compor o poder legislativo assumiram os cargos José Martinho Cândido de Castro, José Anchieta Maracajá Coutinho, José Matias de Oliveira, José de Medeiros Ramos, Francisco de Araújo Souza, Luiz Gonzaga Nóbrega de Freitas e Nemésio Farias de Souza.¹²

Esses compuseram a primeira formação da representação política local. Os primeiros políticos do município e do seu distrito, os quais assim como a cidade que iniciava, também estavam a usufruir de sua primeira experiência como legisladores, visto que nenhum dos mesmos havia exercido cargo político na cidade de São João Cariri ou em qualquer outra cidade. Encontrando-se, alguns representantes locais ou líderes da cidade, mas não “oficialmente”, como neste momento, da criação do novo município e do ato de posse que contou com a presença de inúmeros políticos da região, assim como representantes da política estadual e dos partidos PTB, UDN e PDC, os quais deveriam representar os partidos de ligação dos políticos locais com a política em nível mais amplo.

As primeiras sessões ocorriam na “sede provisória, a rua principal da cidade em prédio de propriedade do Sr. Antônio de Farias Gurjão”¹³, o qual a despeito não ser político fazia parte da pequena parcela letrada da cidade e cedia o prédio, visto a necessidade do funcionamento da câmara de Gurjão, a qual deslocou-se já no seu segundo ano para “a sua sede provisória à rua principal de Antônio Gomes”¹⁴, que era um outro fazendeiro local e que visualizava a necessidade do funcionamento da câmara, a qual traria para a pauta projetos que contribuiriam para o melhoramento, o crescimento e a modernização da cidade que se queria construir.

Assim, era dada a largada para a construção da nova cidade, seja ela a parte mais popular que sentia uma “autonomia”, os ares de mudança, como registrado na fala de Dona Helena quando disse que antes da emancipação “a cidade era bem pequenininha”¹⁵, fala que é complementada por Dona Alcina que contou que “Após a emancipação, graças a Deus, apareceu muitas coisas, o prefeito arranhou a luz elétrica e calçamento”¹⁶. Processo que foi experimentado por todos os que viveram aquele momento.

Ilustrando o perceptível, com a perspectiva de dar um ar de urbanidade a cidade, ainda tão imbricada por traços rurais, tem-se na 1º sessão de 1963 de autoria do então Prefeito do

¹² Composição Executiva e Legislativa do município de Gurjão no período de 1962 a 1966. Empossada no dia 25 de novembro de 1962. (ATA, 1962, p. 1-4)

¹³ (ATA, 1963, p.5)

¹⁴ (ATA, 1963, p.9)

¹⁵ Entrevista concedida a autora por Dona Helena Eulampia da Conceição em 08 de agosto de 2018.

¹⁶ Entrevista concedida a autora por Dona Alcina de Castro no dia 15 de agosto de 2018.

município Sebastião Borges Coutinho um projeto de lei sugerindo essa preocupação. Sendo, o projeto de lei nº 5/63 que “denomina ruas, avenidas e praças nas principais artérias da cidade e autoriza a colocação de placas de denominação e numeração e dá outras providências”, o qual foi aprovado por unanimidade na sessão de 03 de outubro de 1963¹⁷.

Esse projeto é indiciário por ser um dos primeiros e por se remeter a denominação de ruas nas principais artérias da cidade, visto que era necessário formar uma identidade do lugar, a partir das “artérias principais”, as quais se encontravam no centro da cidade, o qual “foi, por muito tempo, o cartão de visitas”, deixando as marcas que “funcionam como padrões de referência identitária para uma cidade”. Dentre estas marcas, tem-se a mudança da denominação das ruas que compunham “o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem”¹⁸.

Entre as quais destaca-se a que até então possuía a denominação de “rua principal”, a qual não formava identidade e não se encaixava nos sonhos de urbanidade que se almejava, por isso, foi substituída por Avenida Antônio Coutinho, o qual originário de Pernambuco, “contraiu núpcias com uma filha do Sr. Vicente Borges”, isto tendo acontecido antes do ano de 1901 e passou a residir na “fazenda Água Fria”. Sendo reconhecido e recebendo a nomeação na rua principal, possivelmente por sua contribuição na área da saúde, visto que, havia pouquíssima assistência, devido à falta de médicos e a localização da cidade, enquanto que ele além de dedicar-se a “plantação de algodão” e “criação de gado”,

Dedicou-se também e com uma felicidade admirável nos tratamentos de muitos males pela homeopatia, do que era um grande conhecedor, obtendo curas admiráveis, contando com uma enorme clientela, não só neste município como em outros. Era chamado para tratar de doentes de vez em quando, afastando-se dos seus afazeres meses inteiros, ficando a sua esposa e filhos na administração dos serviços que com perícia resolviam¹⁹

Um outro projeto de lei que também foi colocado em pauta neste período e que chama a atenção para o sentimento do momento de aumento da cidade é o projeto de lei nº 5/63 que “autoriza o poder municipal mandar fazer o levantamento topográfico da planta, inclusive plano de expansão e dá outras providências” aprovado por unanimidade na sessão de 03 de outubro de 1963²⁰, o qual mostra a projeção de expansão para que a cidade crescesse, como também sua demarcação através da topografia, a qual sinaliza a primeira medida realizada em projetos de

¹⁷ 1º sessão extraordinária no dia 3 de outubro de 1963. (ATA, 1963, p.5)

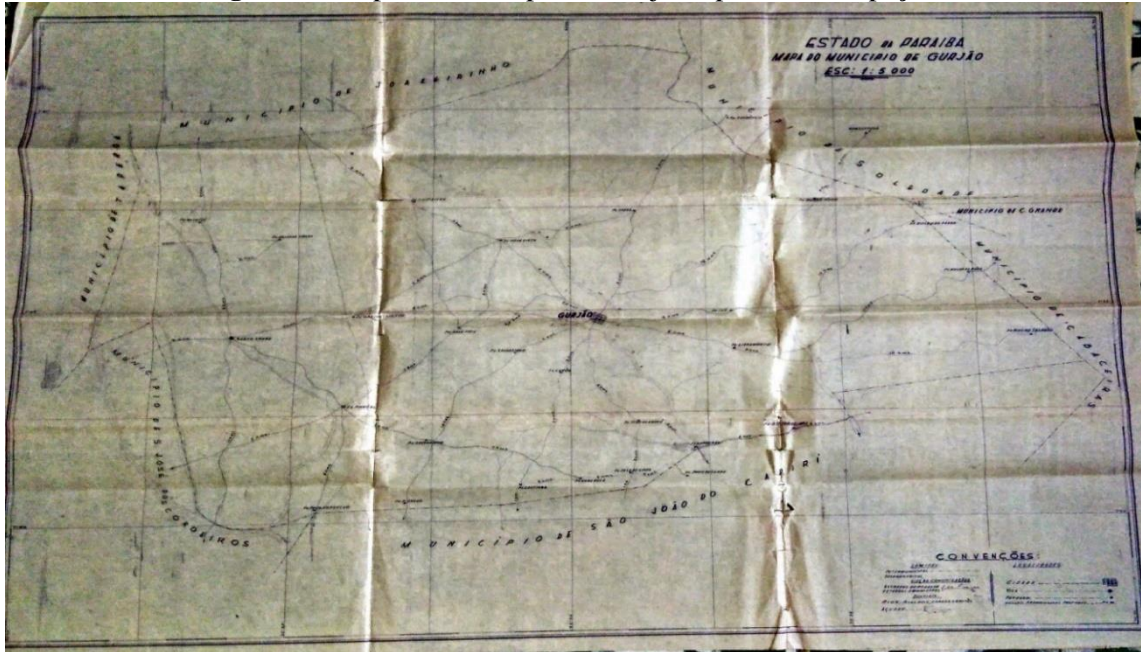
¹⁸ (Cf. PESAVENTO, 2008, p.4).

¹⁹ (Cf. MARACAJÁ, 1959, p. 48).

²⁰ 1º sessão extraordinária no dia 3 de outubro de 1963. (ATA, 1963, p.5)

desenvolvimento e para situar qual a extensão e fronteiras da nova cidade que possuía um distrito e várias áreas de zona rural.

Figura 1 - Mapa do município de Gurjão, após a emancipação.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O mapa acima, que foi confeccionado a partir do projeto de lei aprovado em 1963, em escala de 1:5.000 retrata os limites intermunicipais e interdistritais, as vilas de comunicação, com a demarcação das estradas de rodagem estaduais e municipais, os aspectos fluviais, demarcando rios, riachos, córregos, grotas e os açudes, além de demarcar a cidade, a vila e os núcleos, propriedades ou fazendas.

Inicialmente, observando os limites, tem-se os municípios de Joazeirinho, Taperoá e São José dos Cordeiros do lado esquerdo, abaixo São João do Cariri e do lado direito Soledade, Cabaceiras e Campina Grande, os quais faziam divisa com Gurjão, nas linhas do mapa, estão delimitados os quilômetros que separavam a cidade de suas vizinhas, assim como da vila, que também está demarcada e representa o distrito de Santo André, o qual tem sua área dividida por uma “linha” interdistrital mais à esquerda do mapa.

Já em maior quantidade e compreendendo a maioria dos pequenos nomes, estão os núcleos, propriedades ou fazendas, as quais em sua maioria, pertenciam aos fazendeiros que também eram lideranças políticas e formavam a elite local. Mas, também locais de moradia de grande quantidade da população, demonstrando, um “universo” ainda muito rural, levando em consideração a quantidade de fazendas mapeadas.

Para além disso, ainda estão demarcados os retratos fluviais, ao lado esquerdo a representação do Rio Taperoá, no limite do distrito com os municípios de São José dos Cordeiros e Taperoá. Ao centro, “cortando” a região da cidade o Riacho da Timbaúba e um pouco mais ao lado direito o Riacho do Padre. Com relação aos açudes são demarcados dois, um na Fazenda Capoeiras, localizada na divisa com o município de São João do Cariri e o açude da cidade, o qual, foi construído no governo de José Américo de Almeida²¹, e utilizado pelos representantes políticos locais na eleição de 1958, no qual em um panfleto o senhor Raulino de Medeiros Maracajá utiliza-se de sua retórica para convocar o eleitorado do distrito a participar do pleito.

A Paraíba está verdadeiramente empolgada nesse grande movimento democrático para o pleito que se avizinha, quando serão escolhidos os candidatos que se representem as verdadeiras aspirações do povo. Disputam a senatoria o eminente paraibano ministro José Américo de Almeida e o Dr. Rui Carneiro. Na preferência dos paraibanos não pode haver hesitação porque o ministro José Américo de Almeida é um homem cujo passado o credencia ao exercício desse elevado posto, e que constitui a maior honra para os paraibanos, como também para o Brasil, que há muito não possui no Senado uma figura da envergadura moral e intelectual do grande ministro de 1932. O homem do sertão, do cariri e do litoral – guarda dentro da própria alma, os benefícios dele recebidos, sendo esse o momento de premiá-lo, sufragando o seu nome, para que a Paraíba se torne mais engrandecida, tendo na sua voz um defensor intransigente dos interesses do seu povo. Neste momento como filho desta localidade, convoco todos os homens e mulheres para que não esqueçam a grande obra realizada pelo ministro José Américo de Almeida, quando governador do nosso Estado. A barragem por ele construída, em que dispendeu mais de três milhões de cruzeiros, no subúrbio desta localidade, evitando que a população viesse em verdadeira romaria à procura de cacimbas infectas de águas poluídas, é o bastante para que o povo desta terra, em homenagem ao seu grande benfeitor, sagre o seu nome nas urnas só assim se torna digno de si mesmo e de sua gratidão. Estou certo de que o povo de Gurjão saberá cumprir esse dever de consciência, votando em José Américo de Almeida, o homem que nos deu tudo, enquanto o seu competidor só apareceu aqui este ano, para pleitear votos.²²

Panfleto que chamava atenção inicialmente para o que acontecia em nível geral na Paraíba e em nível local, conclamava a população para um “voto consciente”, ou seja, o voto no “grande político” que fez tanto pela localidade, construindo um açude, diferente de seu concorrente que não havia nada realizado e só havia aparecido no ano em vigor para “pleitear votos”.

²¹ Para maiores informações sobre José Américo de Almeida e sua política de assistencialismo e construção de açudes, que foi uma de suas prioridades. Cf. BARBOSA, Jivago Correia. Obras, assistencialismo e a imprensa no Governo José Américo. In: Política e Assistencialismo na Paraíba: O Governo José Américo de Almeida (1951-1956). Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa: UFPB, 2012. 317 fls.

²² Panfleto político ao povo de Gurjão de 23 de setembro de 1958.

O mapa em questão, ainda conta dentro da reflexão em torno do açude que foi uma obra que o distrito já trouxe quando transformou-se em cidade, a preocupação da demarcação dos retratos fluviais, possivelmente pela escassez de água que sempre assolou a região e era necessário saber quais os locais, onde era possível encontrá-la. Tendo, como sua principal pretensão, demarcar a nova cidade, cartografando a partir do mapeamento do município os limites e possibilidades que os administradores teriam para instalação dos melhoramentos, expansão da cidade e ligação com municípios vizinhos.

Aspiração que também foi demonstrada em outro projeto de lei, o qual, de autoria do prefeito Sebastião Borges Coutinho, tratava da “confeção da planta do município”, que pedia um afinilamento do “desenho do lugar”, para um olhar mais próximo dos limites urbanos. Neste dia, houveram ainda outros projetos apresentados, entre eles um que corrobora com a configuração do espaço e que dispõe sobre a “construção do meio-fio na cidade e no distrito de Santo André”²³, que nos dá indício da pretensão de demarcar as ruas para a posterior instalação de calçamento, configurando uma intenção de modificar os traços rurais para a urbanização do lugar.

Um outro projeto que destaca uma construção comum a diversas cidades neste período e que não deixou de ser aprovado em Gurjão, é o que dispõe sobre a “construção de um prédio para o mercado público”, o qual foi aprovado por unanimidade na sessão de 28 de dezembro de 1963 e possuía autoria de Sebastião Borges Coutinho, o qual passou por outras discussões e em sessão de 20 de maio de 1965, teve aprovado o projeto que

Autoriza o prefeito municipal contrair empréstimo no valor de até 20.000.000 vinte milhões de cruzeiros e dá outras providências; o Sr. Severino Rodrigues Neves²⁴ fez uma ligeira exposição sobre as necessidades de aprovação, que se destinava a construção do Mercado Público, financiamento este pagável em 10 anos e a juros de 7% ao ano.²⁵

Nesse projeto, existia possivelmente uma preocupação sanitária, visto que, o mercado funcionava em um prédio na rua central, o qual não havia sido construído com essa função e abrigava lugares de preparação de comida, venda dos mais diversos alimentos e exposição de carnes, em um lugar pequeno, no qual, tudo encontrava-se misturado. Por isso, a construção de

²³ Os dois projetos de lei foram apresentados por Sebastião Borges Coutinho e aprovados por unanimidade em 28 de dezembro de 1963. (ATA, 1963, p.15)

²⁴ Foi vereador de Patos, após mudou-se para Gurjão e era funcionário ativo da Prefeitura Municipal de Gurjão, neste período.

²⁵ (ATA, 1965, p. 62)

um mercado, com divisões de comerciantes e tipos de mercadoria, melhorava o ambiente e consequentemente a saúde da população. Essa preocupação sanitária, também foi encontrada na construção do cemitério, o qual será apresentado mais adiante.

Com relação a construção do mercado, ainda foi possível visualizar a dificuldade financeira do novo município que perpassa as primeiras legislaturas e acarreta uma construção da cidade mais devagar, visto que como está presente acima, para erguer um prédio público necessitava-se de um financiamento de 10 anos. Sendo esse, possivelmente um dos motivos da não construção do prédio que estava presente nos “sonhos”, mas não chegou a ganhar concretude, que estava relatado no projeto de lei encaminhado pelo Prefeito que “autoriza o poder executivo construir um prédio para os três poderes do município”²⁶, o qual foi aprovado por unanimidade na sessão de 28 de dezembro de 1963.

3.1. A construção do cemitério

Desde a emancipação política, as discussões em torno do cemitério foram bastantes frequentes, primeiramente a “autorização para mandar confeccionar (2) dois portões para os cemitérios da cidade e de Santo André” e um requerimento para a “ampliação do cemitério da cidade”²⁷, os quais demonstravam o desejo e a necessidade de organizar e expandir esse local. Neste período o cemitério já havia funcionado ao lado da Igreja, como foi comum no Brasil até o século XIX e sediava-se ao final da “rua principal” da cidade, porém não mais comportando o crescimento da cidade, visto os pedidos de ampliação do mesmo.

Dessa forma, a despeito dessa necessidade e também da higiene que determinava que o cemitério deveria afastar-se da cidade, Dona Helena diz que “foi construído o cemitério lá em cima, a gente que levava as pedras, a população que levava, não tinha dinheiro na prefeitura, mas a cidade estava crescendo precisava dele ficar mais longe”²⁸, isso no ano de 1967.

Sendo assim, houve no período a construção e a inauguração de um novo cemitério, evento do qual dispomos de uma fotografia, a qual, será a primeira analisada neste trabalho, porém, não a única, visto que existirão outras e em todas elas será observado que,

Uma fotografia pode ser o resultado de uma contingência, retratando o que foi encontrado pelo fotógrafo. Todavia, a riqueza de uma imagem não consiste apenas em reproduzir fatos, mas também em colocar em sincronia o olhar do receptor com um mundo que –mesmo não mais existindo- passa a fazer parte do seu universo por

²⁶ (ATA, 1963, p. 15)

²⁷ Projeto de Lei e requerimento aprovados em 28 de dezembro de 1963. (ATA, 1963, p. 14)

²⁸ Entrevista concedida a autora por Dona Helena Eulampia da Conceição em 08 de agosto de 2018.

meio do que a imagem eternizou, do resultado de um trabalho que se consubstancia em memória com toda a plenitude da visualidade.²⁹

É o que notamos na imagem abaixo!

Figura 2- Benção do Cemitério.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A fotografia número dois foi clicada no momento em que o “novo cemitério” foi inaugurado, ou seja, recebe a benção. Na fotografia do final dos anos 1960, vê-se o Cônego João Marques³⁰, vigário da paróquia, a qual Gurjão fazia parte no período “abençoando” o novo ambiente de “repouso eterno”, tão desejado, ao seu lado e vestidos à rigor estão o Senhor Inácio Alves Caluête, líder político que viria a ser prefeito, um auxiliar do Cônego, atrás do qual encontrava-se o então Prefeito Juarez Maracajá e sua esposa Nice e os demais moradores da comunidade que participavam do evento.

Pela fotografia, tirada da porta do cemitério com visão para seu exterior, percebe-se que atrás da população existe um grande espaço descampado, demonstrando o afastamento da área central, o qual apontava a necessidade de crescimento da cidade, que na visão dos governantes expandir-se-ia para além dos limites centrais. Dessa forma, longe desse centro deveria ser

²⁹ (Cf. CABRAL FILHO, 2009, p. 29).

³⁰ João Marques Pereira, nasceu em Serra Redonda-PB, no dia 15 de novembro de 1912. (Cf. RIETVELD, 2016, p. 325-326) Ordenou-se no seminário de João Pessoa em 1940 e celebrou sua primeira missa no dia 10 de novembro na sua cidade natal. Foi nomeado vigário de Serra Branca, tomando posse em setembro de 1942, onde permaneceu até sua morte em 1969. Neste período foi “um sacerdote trabalhador de grande valor e muito dedicado para os seus paroquianos e colegas”, onde em 1959 “Gurjão, se sente feliz em tê-lo sempre ao seu lado, trabalhando com sacrifício, remodelando a nossa capela” e “enche-se de júbilo de ter a sua frente, este incansável sacerdote, lutando com coragem e mesmo com sacrifício, a fim de torna-lo em poucos momentos uma vila partidária do progresso e a mais bonita capela deste município e da sua Igreja parochia” (MARACAJÁ, 1959, p. 27-28).

construído o novo cemitério, tanto pela necessidade de crescimento da cidade, como também por causa do “movimento higienista”³¹, o qual mostrava seus resquícios pelo interior do Brasil.

Um projeto de lei que demonstrava os indícios deste movimento já havia sido apresentado e aprovado por unanimidade em uma sessão de 1964, o qual de autoria do vereador José de Medeiros Ramos “autoriza a aquisição de uma carroça de tração animal, para limpeza da cidade”, que ratifica a preocupação de limpar o ambiente urbano e a necessidade de um instrumento para esse fim, com uma pretensa urgência, visto que na mesma sessão foi apresentado um requerimento de dispensa das comissões competentes para o projeto ser colocado para a aprovação ainda no mesmo dia, o que ocorreu de fato.³²

3.2. Novas formas de “ver”: A implantação da energia elétrica

A eletrificação da cidade, foi sempre um assunto discutido pelos representantes políticos, seja quando “determina a abertura de crédito para reparo no atual motor que fornece energia para iluminação pública e dá outras providências”³³ ou quando começam as discussões em torno da inserção do município no plano estadual de eletrificação. Conforme projeto apresentado por Sebastião Borges Coutinho, o qual “autoriza o Chefe do Executivo Municipal a integrar o município no programa estadual de eletrificação e dá outras providências” e que teve aprovação em última discussão no dia 31 de outubro de 1964, onde o vereador Luiz Gonzaga Nóbrega de Freitas solicitou brevidade para essa integração, possivelmente pela necessidade e euforia de contar com um serviço de energia elétrica e dispensar o uso do motor instalado no centro, desde os anos 1950.³⁴

Assim, dado o primeiro passo para a energia que estava sendo instalada por todo o Estado, inaugurou-se em 1968, mais precisamente em 17 de janeiro deste ano, quatro anos após a solicitação de entrada no plano de eletrificação a energia na cidade.

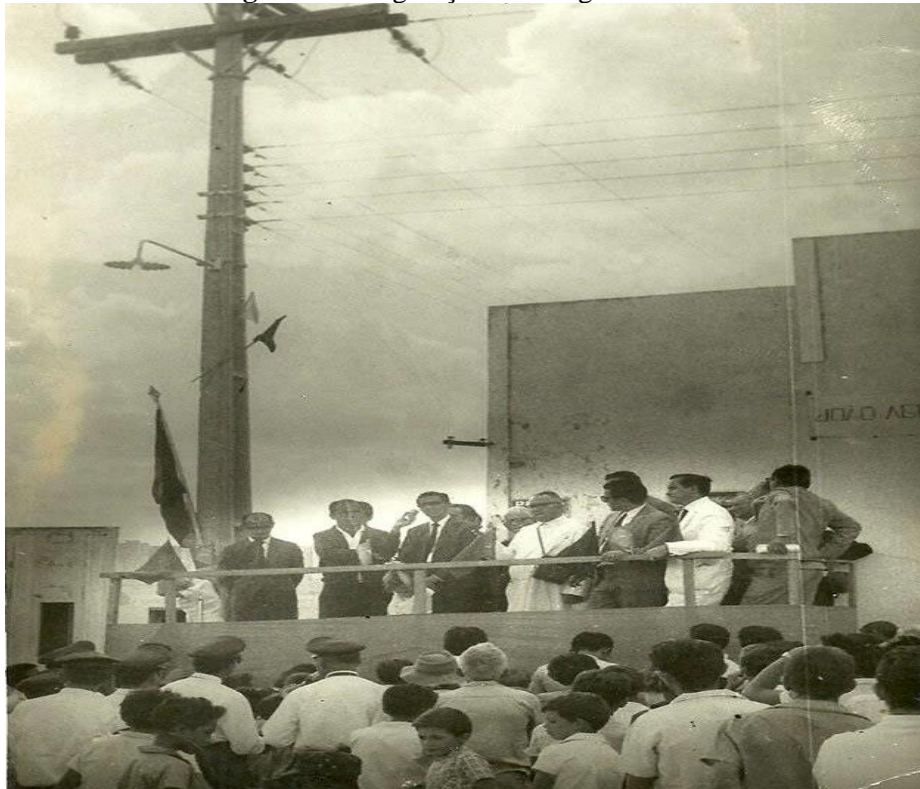
³¹ Movimento ocorrido no Brasil, a partir do século XIX e principalmente no início do século XX, que tratava sobre o atraso do Brasil, ser o não cuidado com a saúde, no caso do cemitério o não afastamento dele da população, visto a proliferação de micróbios ocorrida nesse local que acarretava as mais diversas doenças.

³² Projeto aprovado em sessão de 04 de junho de 1964. (ATA, 1964, p. 25)

³³ Projeto aprovado em sessão extraordinária no dia 3 de outubro de 1963. (ATA, 1963, p.5)

³⁴ (ATA, 1964, p. 43)

Figura 3- Inauguração da energia elétrica.



Fonte: Acervo pessoal de Vandique Hernriques Coutinho.

Na imagem acima o fotografo retratou a inauguração da energia elétrica no município de Gurjão, percebe-se o foco para as autoridades, sem esquecer de também captar os postes e fios que são o símbolo de todo o evento. No palanque, vê-se o cónego João Marques ao centro, representante da Igreja Católica que estava presente em vários eventos do período, assim como uma classe de políticos vestidos à rigor, entre eles, destaca-se o prefeito Juarez Maracajá e autoridades possivelmente de nível estadual, os quais estão discursando acerca da “benfeitoria”.

Posto que, “as manifestações do poder não se acomodam bem com a simplicidade. A grandeza ou a ostentação, a decoração ou o fausto, o cerimonial ou o protocolo geralmente as caracterizam”³⁵ e é o que está representado pela imagem, na qual, tem-se “um palco, um cenário e vários personagens”, o que caracteriza a “espetacularização política”, que utiliza-se do teatro para “encenar”, demonstrando a importância não só da obra em si, mas dos políticos que proporcionaram a sua instalação e a quem a população deve se sentir “agradecida” e “colaborar” citando seus nomes, apoiando-os em novas eleições ou aos seus aliados.

³⁵ (Cf. BALANDIER, 1982, p. 10).

Levando em consideração que “qualquer universo político é um cenário ou mais genericamente um lugar dramático em que são produzidos efeitos”³⁶ é preparado um texto, com palavras calculadas para que nada saia dos “trilhos” e assim “maquiados, trajados, mascarados, lá vão os atores políticos ao palco. Iluminados pelos holofotes da oficialidade, misturam-se aos adereços do cenário em busca do encontro com a multidão”. Desejando, assim como os atores teatrais os aplausos e reconhecimento da plateia que os ouve.³⁷

Plateia que comemora como uma festa, este acontecimento, estando a baixo do palco, além dos populares, alguns integrantes da Sociedade Musical São Sebastião, reconhecidos a partir de seu fardamento, ou seja, as camisas brancas e boinas. Sociedade Musical, que já havia sido reconhecida no início dos anos 60, como de “utilidade pública”³⁸, e que teve no projeto de lei 45/66 que discorria sobre o “aumento a subvenção a Sociedade Musical São Sebastião desta cidade”³⁹.

Figura 4- Sociedade Musical São Sebastião.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A imagem acima representa a Sociedade Musical, ou popularmente conhecida “Filarmônica de São Sebastião”, nome alusivo ao padroeiro da cidade. A fotografia datada de inícios dos anos 1960, foi tirada em algum evento, visto que os componentes estão todos vestidos com o “traje oficial” e estão em primeiro plano, o que depreende-se que eram eles os

³⁶ *Ibidem*, p. 53.

³⁷ (Cf. AIRES, 2015, p. 24).

³⁸ (ATA, 1963, p.5)

³⁹ Projeto de lei aprovado em última discussão em 24 de novembro de 1966. (ATA, 1966, p.80)

“alvos” da câmara. Demonstrando sua importância, que foi reconhecida pelos legisladores do município, posto ser ela um “símbolo” que representava a cidade em encontros de bandas de outras cidades, do próprio município, como também era a animação do lazer dos munícipes, estando presente em todos os eventos, sejam eles de cunho político, religioso ou de outra natureza.

4. A “REMODELAÇÃO” DAS FESTAS RELIGIOSAS

As festas religiosas, são uma tradição que remontam aos tempos coloniais, elas fazem parte da tradição católica que colonizou o Brasil. Sua influência intrínseca na sociedade brasileira chegou a Paraíba, mais precisamente ao povoado de Timbaúba, o qual comemorava duas festas “a primeira a de N.S. do Rosário em outubro, a outra a do Padroeiro S. Sebastião em 20 de Janeiro”⁴⁰.

Essas festas, comemoradas desde o século XIX em Timbaúba, são influenciadas para além da tradição católica pelos africanos e suas tradições, onde no período de escravidão, separavam-se a festa dos “brancos” e a dos “pretos”. É o que sugere um morador do período, em seu diário “a do Rosário era de facto animadíssima, patrocinada pelos pretos que procuravam dar maior brilhantismo aos festejos”⁴¹. Elas representavam os momentos essenciais das sociabilidades⁴² do povoado, sendo modificadas conforme a cidade se constituía, tendo assim ocorrido uma “remodelação” em consonância com o aumento da cidade e consequentemente da população.

4.1. Festa de Nossa Senhora do Rosário

A festa de Nossa Senhora do Rosário, “patrocinada pelos pretos”, “existia para dar mais nobreza aqueles festejos, uma charanga composta de cinco músicos, com os seguintes instrumentos: bombo, rufo, pratos e dois pífanos ou pífaros”, para além desses instrumentos,

⁴⁰ (Cf. MARACAJÁ, 1959, p. 44).

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² Ao longo do século XX, o conceito de sociabilidade passou a ter usos e significados cada vez mais abrangentes, referindo-se a esferas, como relações cotidianas ou familiares, costumes, festas e rituais, encontro etc. Num dado plano de interações, tudo pode ser sociabilidade, como alerta Gilberto Velho- e nesse sentido, nada, na medida em que o conceito pode vir a exaurir sua força explicativa. Daí uma contribuição especial da antropologia, como aponta o autor, visto que a prática etnográfica lida com pessoas através da própria interação e descreve regras e princípios constitutivos de relações cotidianas – bem como, pode-se acrescentar, realiza reflexões sistemáticas sobre os termos e as decorrências de tais interações com seus atores pesquisados, o que incide nos próprios escritos etnográficos. (FRÚGOLI, 2007, p. 23).

existiam também o “reinado, composto de um rei e uma rainha”, “um jogador de espontão ou meia lança com grande habilidade, dançava ao som do batuque, atirando a sua lança cheia de fitas nos ombros do povo” e “atrás do jogador da meia lança, vinha o rei com a rainha em seguida a charanga, acompanhada por uma grande massa popular, percorrendo as artérias principais da povoação”⁴³.

Nesse período a festa tinha duração de dez dias, e “não se observava uma pequena discussão” e “logo que, era anunciada a chamada para a missa com o toque do bronze, o reinado acompanhado pela charanga e uma enorme massa popular, entrava na Igreja, subindo aos ares uma grande girandola, não existindo naqueles tempos foguetões, balões e fogos de artifício”.

A procissão tinha início as quatro horas da tarde, quando todos se achavam na Igreja, saindo as 5 horas da tarde um grande préstito, conduzindo os andores bem ornamentados, ao glorioso S. Sebastião e da Virgem do Rosário, acompanhava o reinado, a charanga e uma enorme multidão de pessoas, que vinham de todos os quadrantes vizinhos, render suas homenagens a esta festividade em honra da nossa mãe do Rosário.⁴⁴

Com relação a festa social “a noite começavam as danças que se prolongavam até a manhã seguinte, “a única bebida que existia, era o vinho branco de Lisboa e a cana brejeira que se tomava um grog, em pequena escala para não prejudicar os festejos e o padre não ficar aborrecido”. Porém, em 1912, “veio reger esta capela, o Padre José Betames, ele era muito neurastênico, não suportando os batuques dos pretos, ordenou a extinção do próprio reinado e da charanga havendo grande tristeza e o que muito enfraqueceu os aludidos festejos do Rosário”⁴⁵.

Mas, não os acabou, visto que a festa perdurou e ganhou novas configurações, principalmente a partir da emancipação da cidade, visto que neste ano de 1962, houve a construção do clube O Guarany.

O clube, como dantes salientado, era uma forma de lazer para os menos favorecidos da sociedade de Gurjão. Os trabalhadores que participavam desse lugar como forma de lazer em seu tempo livre, desenvolveram dentro desse espaço suas próprias atividades como as famosas quadrilhas, danças populares (fórró pé de serra, arrasta pé entre outros ritmos), apresentações de bandas de pífano, dentre outras. Além das recreações citadas, havia também a realização de bingos, e algumas festividades religiosas, com devoção especial a Nossa Senhora do Rosário, considerada nacionalmente a padroeira dos negros.⁴⁶

⁴³ (Cf. MARACAJÁ, 1951, p. 45).

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ (Cf. MACEDO, 2017, p.40).

Esse novo local, transformou-se no lugar onde era possível ocorrer as festas de Nossa Senhora, com liberdade, visto a contrariedade dos padres. Assim, acontecia os festejos religiosos com missas, procissões e afins na Igreja e a festa social passou a ocorrer no clube o Guarany, o qual era o local dos menos favorecidos e conseqüentemente alvo de preconceito, por parte da elite, a qual possuía o seu próprio clube, que era a FUNDAC (Fundação Unida da Associação do Cariri).

Figura 5- Procissão de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A fotografia acima, representa uma procissão de Nossa Senhora do Rosário, nos idos de 1960. É possível a partir da mesma, identificar que participavam das festividades a população católica em geral e sendo este um dos principais eventos do calendário da cidade, as pessoas estão nos seus “melhores trajés”, as mulheres com vestidos ou saias e blusas e os homens em sua maioria com calças, camisas, sapatos e chapéus.

A captura da foto, foi feita de propósito e na frente alinharam-se dos dois lados filas de mulheres e a parte central está em aberto, visto ser a passagem da imagem de Nossa Senhora do Rosário, que vêm no andor carregada pelos homens, o objetivo central da fotografia. Nesta imagem, fica bastante claro as novas configurações que surgiram a partir de 1962, visto que não é visível nenhum dos elementos que antes de 1912, eram presentes como a “charanga” o “rei e a rainha” ou os demais elementos. Demonstrando que a “vontade” do padre, modificou os rituais que compunham a festa, assim como a necessidade de “civilizar”, expressada pelas elites.

4.2. Festa de São Sebastião

No século XIX, pelo Brasil, várias foram as epidemias de cólera e devido à dificuldade de informações, as pessoas de diversas localidades acreditavam ser só em seu lugar, ou seja, algo isolado⁴⁷. Não foi diferente no povoado de Timbaúba, que recorreu a promessas a São Sebastião, por ser conhecido como defensor contra a peste, fome e guerra.

Assim, foi doado um patrimônio para construção da capela, no dia 25 de junho de 1871, a qual consta em 1890 nos relatos “a capela era grande, porém, muito mal construída”⁴⁸. Mas, ocorria em louvor do padroeiro que tinha livrado a população do cólera e nesta capela, todos os anos a festa de São Sebastião. Realizada no dia 20 de janeiro, era o principal evento do povoado, tornando-se também o principal evento da cidade de Gurjão.

⁴⁷ O Cólera-Morbus, foi uma doença epidêmica que espalhou-se pela Europa, mas também no Brasil, onde teve seu primeiro surto em 1856, o qual levou a morte mais de 140 mil pessoas, das quais 25 mil aproximadamente viviam na província paraibana. Essa doença atingiu também o povoado de Timbaúba e levou a morte várias pessoas, o que assustou a população, que vivia de certa forma isolada, devido as dificuldades de comunicação com outras localidades, imaginar que a epidemia era restrita ao seu lugar, sendo um “castigo”. Assim, na eclosão da segunda epidemia de cólera-morbus em 1862, os habitantes de Timbaúba recorreram a promessas a “São Sebastião”, conhecido como defensor contra a peste, a fome e a guerra, a qual consistia na construção de uma capela, caso a epidemia acabasse e como foi o que ocorreu, ergueu-se a capela e iniciou-se a partir desse momento a festa de São Sebastião, comemorada no dia 20 de janeiro. Para mais informações sobre as epidemias de cólera em âmbito geral. Cf. DINIZ, Ariosvaldo da Silva. *Cólera: representações de uma angústia coletiva (A doença e o imaginário social no século XIX no Brasil)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1997, 518 fls. Para mais informações em nível estadual. Cf. MARIANO, Serioja R.C; MARIANO, Nayana R.C. O medo anunciado: A febre amarela e o cólera na província da paraíba (1850-1860). *Revista de História e Estudos Culturais Fênix*, v. 9, p. 1-20, 2012.

⁴⁸ (Cf. MARACAJÁ, 1959, p. 44).

Figura 6- Procissão de São Sebastião 1965

Fonte: Acervo pessoal de Kalina Gurjão

Na fotografia acima, a qual retrata a procissão de São Sebastião, capturada a partir da Igreja, vê-se bem à frente, o padre à espera do andor com a imagem do santo, bem próximo a ele um casal, que pela vestimenta reconhece-se como o prefeito e sua primeira dama.

Ao fundo, têm-se a praça central, onde seguem o cortejo os fiéis, mulheres, homens e crianças. Também é perceptível um espaço delimitado e enfeitado, o qual comporta em seu meio mesas e cadeiras e é conhecido como “pavilhão”, que após o encerramento da parte religiosa da festa, funcionava com som, vendas de bebidas e leilões de frangos, onde o dinheiro arrecadado pelos cordões, visto que a festa possuía duas candidatas a rainhas a do cordão vermelho e azul, era revertido para a Igreja e o cordão que mais dinheiro arrecadasse coroava a rainha da festa.

O pavilhão era também lugar de disputas políticas, onde os políticos situacionistas escolhiam um cordão e leiloavam os frangos do mesmo, assim como faziam doações em dinheiro e os opositores escolhiam o outro cordão para a mesma ação e dependendo do resultado final, o lado que arrecadasse mais dinheiro era considerado o mais “forte”. A partir da fotografia ainda é possível identificar os traços rurais que ainda perpassam a espacialidade da cidade, posto que ao mesmo tempo que tem-se a praça central e o aglomerado de casas, ainda não se tem o calçamento, um elemento importante de delimitação da urbanidade.

Um outro aspecto interessante, são os transportes visíveis, abaixo de uma árvore um jumento, que foi por muito tempo bastante utilizado para os deslocamentos e neste caso é o

transporte de alguém que veio para a procissão. Não sendo ele o único, já que é possível identificar ainda no outro extremo da fotografia um caminhão, inclusive com pessoas em sua carroceria, que também era uma forma de transporte, no qual, geralmente os fazendeiros traziam seus funcionários para o evento principal da cidade ou se configurava como transporte das localidades vizinhas.

O evento religioso e tradicional, o qual representava um momento de sociabilidades e fé da população, o momento de pedir um bom inverno, encontrar os amigos e visualizar como andava a política local, modifica-se com a emancipação e com a chegada da energia elétrica. Inicialmente porquê o aumento da cidade e conseqüentemente de seus habitantes, o melhoramento do transporte e a iluminação, “atraem” mais pessoas, aumenta os dias de festividades e a duração das mesmas, além de modificar as interações e as vestimentas.

Figura 7- Procissão de São Sebastião 1975



Fonte: Acervo pessoal de Kalina Gurjão

Na fotografia acima, é possível observar algumas modificações apontadas anteriormente. Em uma primeira observação, mesmo a despeito de ser um outro ângulo e em um outro local da cidade em comparação com a fotografia anterior, é possível perceber um maior número de pessoas, as quais também tem seus trajés modificados, pois vê-se mulheres usando além dos habituais vestidos e saias, calças compridas.

A partir da foto, observa-se também um poste que é indiciário da iluminação pública instalada no ano de 1968 e que modificou principalmente a festa social que ocorria no pavilhão, pois houve um aumento de seu tempo de duração. Percebe-se ainda a imagem de São Sebastião

em meio aos fiéis e ao lado e ao final os transportes também diferentes dos de 10 anos antes, pois são Jipes e Rurais, carros de muita utilidade para estradas de terra, principalmente em período chuvoso.

Dessa forma, depreende-se que as modificações que começaram a ocorrer em maior proporção a partir do processo de emancipação política, modificaram não só a cidade “fisicamente”, mas também as formas de “sociabilidade” e as “sensibilidades”, em seus mais diversos aspectos, inclusive na vivência das festas que já aconteciam há bastante tempo, mas se “remodelam” e conseqüentemente modificam o seu tempo de duração ou a sua forma de organização.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, diante do recorte temporal perpassado, é possível perceber que o sonho de construção de uma cidade ganhou forma. Inicialmente devido a emancipação política e após esse evento, a partir de projetos e requerimentos da Câmara Municipal, os quais, chegavam em grande número em sua concretude, possibilitando as modificações que eram vivenciadas pelos munícipes e faziam-nos crer em uma cidade “conectada” com o mundo moderno e em crescente desenvolvimento, apesar do ritmo lento.

As modificações percebidas ao longo da pesquisa, estenderam-se em todos os aspectos da vida dos cidadãos. Na questão sanitária, houve uma melhora na questão da alimentação com a construção do Mercado Público, assim como do cemitério que “afastou” do ponto central da cidade as doenças que a decomposição dos mortos poderia acarretar. Com relação a melhora da qualidade de vida, houve a chegada da energia, a qual foi impactante para a vida das pessoas e suas relações de “sociabilidade”, aumentando o “dia”, visto que a noite não era mais sinônimo de escuridão.

Essa energia, que iluminava as casas, ruas, praças, foi um aspecto que contribuiu ainda para o aumento significativo da população citadina, acarretando em consequência mudanças nas festas, as quais tiveram uma maior duração ou um deslocamento para outros lugares, modificando as formas de sociabilidades que já ocorriam. Depreendendo-se que as décadas de 1960 e 1970 na cidade de Gurjão, foram de intensas modificações, não só na estrutura, ou seja, na inserção de equipamentos modernos, mas também nas sociabilidades de uma população, a qual pode vivenciar esses acontecimentos de diferentes formas, a partir de suas singulares sensibilidades.

ABSTRACT

The decades of 1960 and 1970 have been a period of transformations in the city of Gurjao, mainly starting from the policial emancipation that happened in 1962. That said, this work has as its objective to comprehend how, by the insertion of modern equipment, the city is built, the sensibilities are sucitated in the in the inhabitants from that period and the sociabilities are modified, chiefly in the improvement os the religious parties, which represented the central points of the social relations in the period. In order to develop the research, it was required the deepening in readinys, mostly those that treat about the urban universe, and the modernity and the use of sources, among those the minutes of the town hall and photographs, indicators of the reception of the transformations and symbols of Gurjao.

Keywords: Gurjao. Modern equipment. Sociabilities.

FONTES

Diário de Raulino Maracajá. 1959-1960, 100 fls.

Entrevista concedida por Alcina de Castro em 15 de agosto de 2018.

Entrevista concedida por Helena Eulampia da Conceição em 08 de agosto de 2018.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1960, p.372-373).

Livro de Atas da Câmara Municipal de Gurjão-PB. 1º Legislatura (1962-1966). 50 fls.

Panfleto político ao povo de Gurjão de 23 de setembro de 1958.

Revista Avante: realidade dos municípios do nordeste. Edição 1972. Ano 8. Nº 8.

REFERÊNCIAS

AIRES, José Luciano de Queiroz. **Cenas de um espetáculo político: poder, memória e comemorações na Paraíba (1935-1945)**. 2.ed.- João Pessoa: Editora do CCTA, 2015.

ARANHA, Gervásio Batista. “**Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas**”. In: AGRA DO Ó, A. et al (Orgs.). *A Paraíba no império e na república: estudos de história social e cultural*. -2 ed. João Pessoa: Ideia, 2005. P. 79-132.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**; tradução de Luis Tupy Caldas de Moura. Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

- BARBOSA, Jivago Correia. **Obras, assistencialismo e a imprensa no Governo José Américo. In: Política e Assistencialismo na Paraíba: O Governo José Américo de Almeida (1951-1956).** Dissertação de Mestrado em História. João Pessoa: UFPB, 2012. 317 fls.
- BARROS, José D'Assunção. **O lugar da História Local.** In: A expansão da História. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. P. 165-187.
- BRESCIANNI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza.** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e história.** Campina Grande, UFCG, 2009.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis.** Tradução por Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARDOSO, C. & VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de metodologia.** Rio de Janeiro, Campus, 1997.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações.** 2 ed. Portugal: Difel, 1988.
- DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **Cólera: representações de uma angústia coletiva (A doença e o imaginário social no século XIX no Brasil).** Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1997, 518 fls.
- FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana.** Rio de Janeiro, Zahar, 2007.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** 1.ed., 13.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2008.
- GINZBURG, Carlo, 1939. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.** In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história** / Carlo Ginzburg; tradução: Federico Carotti. _ São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Iordan Queiroz. **Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960).** Dissertação de Mestrado em História. Campina Grande: UFCG, 2012, 274 fls.
- MACEDO, Damiana de Farias. **O Clube Guarany e a História do Lazer em Gurjão-PB (1960-1980).** In: SANTANA, Flávio Carreiro de. MONTEIRO, Luíra Freire. (Orgs.). **História: Tramas do Tempo, Impressões do Vivido.** João Pessoa: Ideia, 2017.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. **Signos em confronto: o arcaico e o moderno na Princesa (PB) dos anos vinte**. Dissertação de Mestrado em História. Recife: UFPE, 1999. 130 fls.

MARIANO, Serioja R.C; MARIANO, Nayana R.C. **O medo anunciado**: A febre amarela e o cólera na província da Paraíba (1850-1860). Revista de História e Estudos Culturais Fênix, v. 9, p. 1-20, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito Além do Espaço**: Por Uma História Cultural do Urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n.16, p.279-290, 1995.

_____. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. In: Revista Brasileira de História, v.27, número 53, jan-jun 2007^a, P. 11-23.

_____. **História, memória e centralidade urbana**. Mosaico, v. 1, n. 1, p. 3-12, 2008.

_____. **Sensibilidades no Tempo, Tempo das Sensibilidades**. 2004.

RIETVELD, João Jorge. **O verde do juazeiro**: catolicismo em Juazeirinho e o norte do cariri. 2.ed. Campina Grande: Erik Brito Editor/ Cópias e Papéis, 2016.

SOUZA, Fábio Gutemberg Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande–1920-1945**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas. Campinas, SP, 371 fls.

TOLSTÓI, Leon. **Guerra e paz**. (Tradução de Oscar Mendes). 6^a ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.